

Semana começa com mercados à espera de possível calote da Grécia

O ministro alemão, Philipp Roesler, diz que moratória ordenada do país deixou de ser tabu; em resposta, governo grego anuncia novas medidas econômicas, incluindo novo imposto

Flávia Furian e Priscila Dadona
financas@brasileconomico.com.br

A saída inesperada do economista-chefe do Banco Central Europeu (BCE), Jürgen Stark, reforçou a visão de investidores de que o calote grego pode estar cada vez mais próximo. Até o ministro de Economia da Alemanha, Philipp Roesler, admitiu ontem que uma moratória ordenada da Grécia não é mais tabu. "Para estabilizar o euro, não pode mais haver nenhum tabu. Isso inclui, se necessário, uma moratória ordenada da Grécia".

Na sexta-feira, o euro caiu 2,04% contra o dólar, os principais índices acionários do mundo tiveram retração maior que 3% e o Credit Default Swap (CDS) da Grécia, título que equivale a um seguro contra calote de dívida soberana, ultrapassou 4.850 pontos, indicando probabilidade de 94% para o não pagamento, segundo a consultoria britânica CMA.

Horst Seehofer, presidente da União Social Cristã da Baviera, partido que faz parte da coalizão de centro direita da chanceler alemã, Angela Merkel, não descarta a possibilidade da Grécia ter de sair da zona do euro.

Em reação, o governo grego anunciou ontem novas medidas econômicas para enfrentar a crise da dívida, incluindo novo imposto sobre imóveis para arrecadar cerca de € 2 bilhões. O primeiro-ministro, George Papandreou, afirmou que está determinado a manter seu país na zona do euro e criticou cenários de que a saída da Grécia do bloco não são graves. "Estes cenários não são sérios. Uma saída do euro criaria efeito dominó que levaria à dissolução da zona euro".

Mas mesmo com os esforços do primeiro ministro e o comunicado do ministro de Finanças grego, Evangelos Venize-



los, negando o calote, economistas acreditam que a possibilidade é grande. "O calote é possível. A gente sabe que a situação da Grécia é bastante delicada, que a economia está em forte recessão e que o governo tem de efetuar corte de gastos agressivos, com custo político elevadíssimo", afirma Luciano Rostagno, estrategista-chefe da CM Capital Markets.

A piora de expectativas começou na quinta-feira, quando o governo grego divulgou que o Produto Interno Bruto (PIB) do país caiu 7,3% no segundo trimestre frente ao mesmo período do ano passado.

Para os especialistas, enquanto a situação na Grécia e na Europa em geral ficar sem definição, a volatilidade nas bolsas vai continuar. "Elas sobem num dia e devolvem em outro, mas se o calote grego se materializar, vai criar pânico e, aí sim, a bolsa terá espaço para cair mais", diz Marcelo Varejão, analista da Socopa Corretora.

"As bolsas de valores estão

agindo como o deprimido. Ora pessimistas ora otimistas", reforça Miguel Daoud, sócio da Global Financial Advisor, para quem o dólar deve continuar a subir e o Ibovespa não deve ultrapassar os 56 mil pontos.

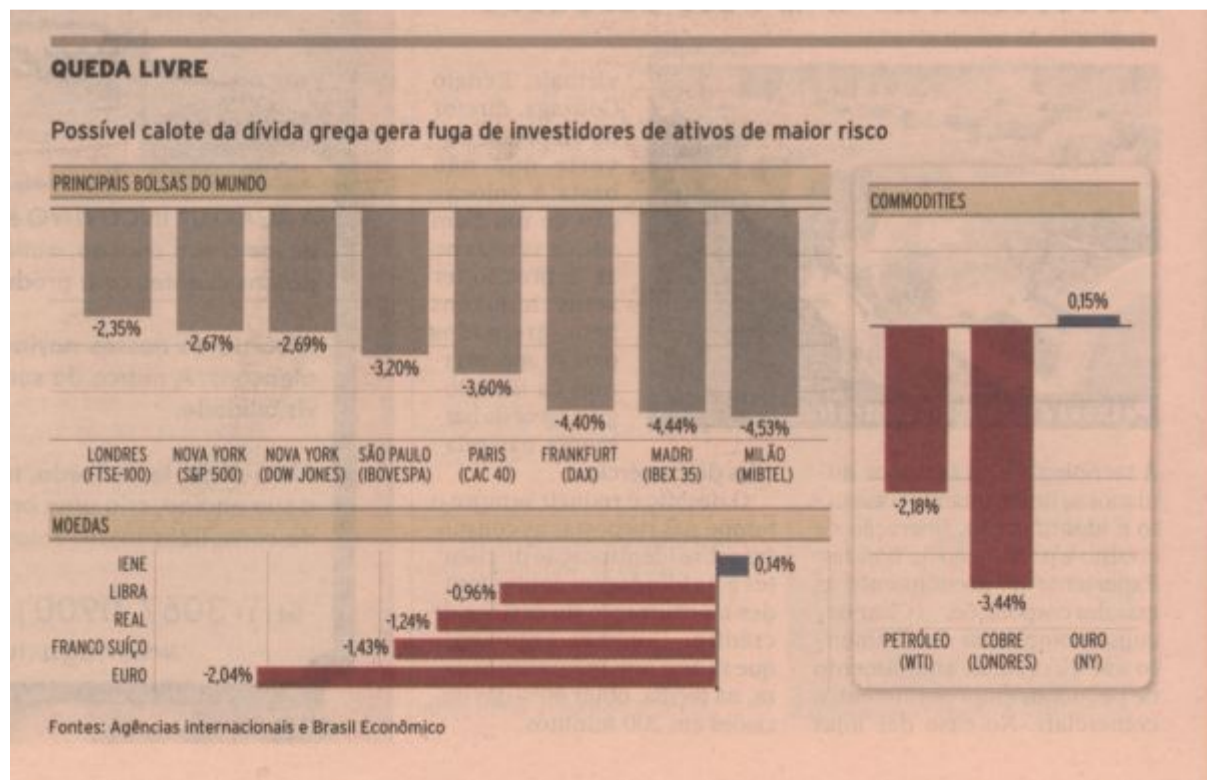
Segundo Rostagno, o que traz insegurança aos investidores é o fato de testes de estresse realizados em bancos na Europa não terem contemplado um possível calote grego, já que essas instituições carregam títulos da dívida do país. "O mercado se vê no escuro. A ausência da contemplação deste cenário de calote no teste mostra que o impacto de um não pagamento da dívida será forte", considera.

Um calote, segundo ele, demandaria uma ação rápida por parte do BCE para blindar os bancos — seja comprando os títulos gregos ou capitalizando as instituições financeiras. A justificativa para a saída de Stark, principal representante da Alemanha no BCE, foi justamente a discordância dele e do



país que representa por uma possível compra de títulos, o que expõe uma leitura por parte do órgão de que isso pode ser necessário.

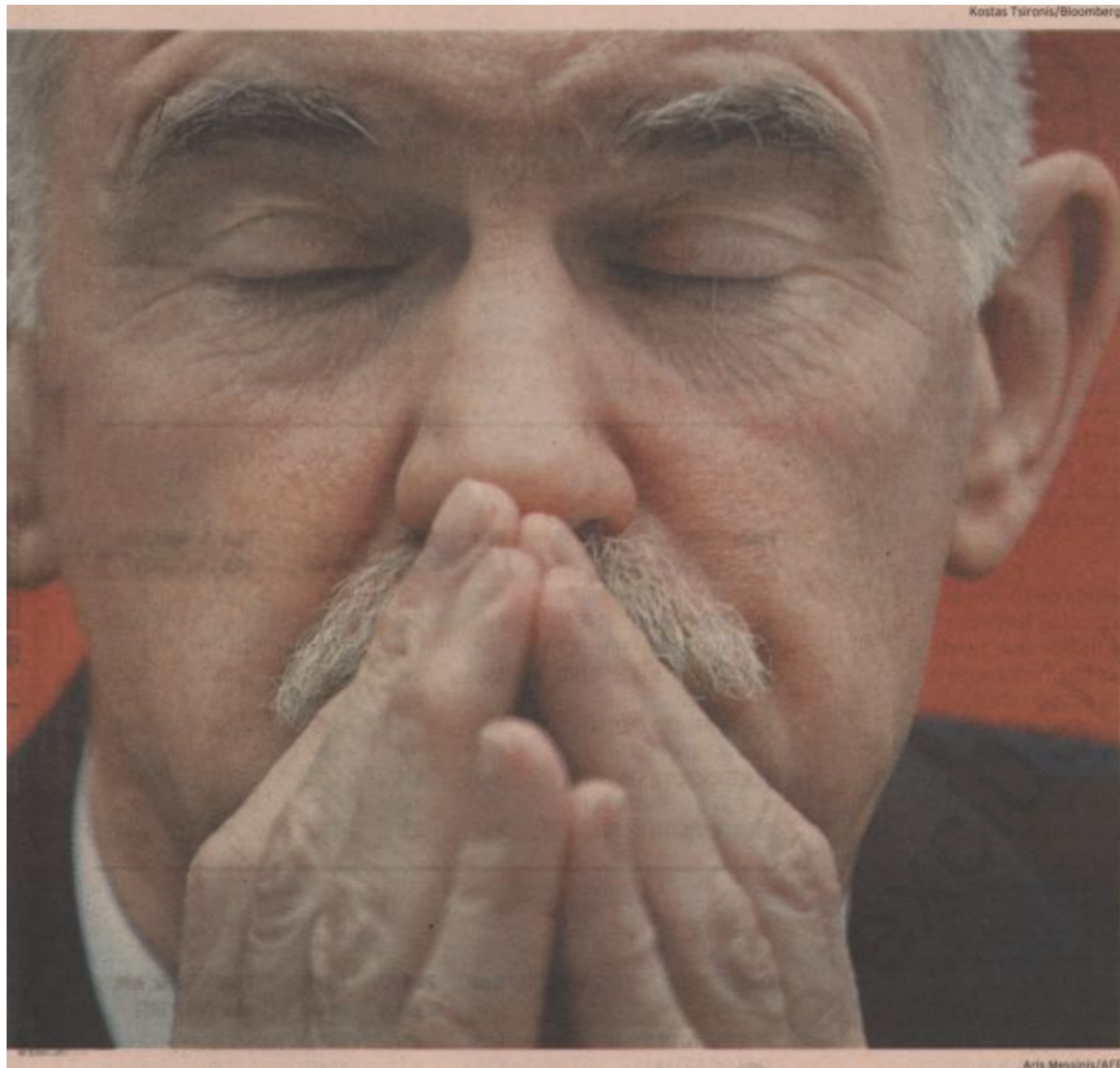
O economista Ricardo Amorim, diretor da Ricam Consultoria, já trabalha com a efetivação de default grego, inclusive com contágio a outros países como Espanha, Itália e Portugal. "A quebra da Grécia já está no preço, mas não deve ser a única. Se o contágio ocorrer,





Incubadora de seguros já reuniu R\$ 900 mil

Antes mesmo do lançamento de seu site, que acontece nesta segunda, a Incubaseg, interessada em levantar investimentos para projetos do setor de seguros, já conseguiu arrecadar com empresas como Bradesco, Porto Seguro e Metlife 60% de sua meta para o primeiro ano de funcionamento (R\$ 1,5 milhão). Além disso, estão previstos R\$ 12 bilhões de investidores anjo. "A incubadora é virtual e o site é arrancada da operação", diz **Carlos Oliveira**, diretor da Incubaseg.



Fuga para ativos mais seguros penaliza bolsas no mundo todo

Em sessão marcada por queda global nas bolsas. Brasil não ficou de fora

A última sessão da semana foi de desvalorização nas principais bolsas do mundo. No Brasil, o principal índice acionário, o Ibovespa, fechou com queda de 3,20%. Nos Estados Unidos, a desvalorização mais acentuada se deu no índice Dow Jones, da Bolsa de Nova York, em 2,69%. Já na Europa, o indicador da bolsa de Milão, na Itália, registrou queda de 4,53%, enquanto a de Madrid, na Espanha, caiu 4,44%.

O dia já havia começado com viés negativo devido ao ceticismo de investidores em relação ao apoio dos republicanos ao pacote de estímulo ao emprego anunciado pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. O pacote superou as expectativas, com a intenção de estimular a economia com US\$ 447 bilhões. "O problema é que o mercado acredita que, na verdade, seja de US\$ 300 bilhões, já que entende que os republicanos devem promover cortes durante a aprovação da proposta", afirma o estrategista-chefe do CM Capital Markets, Luciano Rostagno.

O cenário piorou mesmo com os rumores em relação à capacidade da Grécia de arcar com o pagamento de seus títulos ou mesmo de fazer novas rolagens de dívida. "A queda das bolsas se deu pelo aprofundamento das preocupações com o eventual calote no país e como isso poderia comprometer os bancos europeus", afirma o diretor da Ativa Corretora, Álvaro Bandeira.

As bolsas são penalizadas pela fuga dos investidores para ativos mais seguros, como o

Ouro subiu 0,15% na sexta-feira, enquanto juro do título de longo prazo dos EUA caiu a 1,91%, ativos considerados refúgio contra a volatilidade e incerteza

será um show de horrores", avalia. Para ele, embora o setor bancário esteja mais preparado que na crise de 2008, a quebra de bancos expostos à dívida grega não está descartada.

Para Daoud, da Global, as opções para socorrer o país estão diminuindo, uma vez que a dívida já gira em torno de 160% do PIB. "Saída tem, mas é de longo prazo e as necessidades são de curtíssimo prazo."

Sobre o impacto do calote sobre o Brasil, Rostagno explica que as instituições financeiras brasileiras, embora não carreguem títulos da dívida soberana grega, poderiam ser contagiados pela contração do mercado de crédito internacional. "Isso acaba afetando a captação de bancos e empresas lá fora", afirma. Desta forma, o crescimento das companhias seria afetado, com impacto negativo na bolsa.

Já Álvaro Bandeira, diretor da Ativa Corretora, acredita que o calote da Grécia deve impactar o Brasil apenas se afetar um banco europeu de grande porte. À espera de desdobramentos, ele pondera ao investidor que o momento pode gerar ganhos extraordinários. "Nesta hora de maior temor é que se consegue montar posições para mais a frente e obter ganhos", diz Bandeira, que indica compras progressivas. •



Polícia grega prende um manifestante durante protesto em Tessaloniki, no norte da Grécia. Milhares de gregos foram às ruas protestar contra anúncio do governo de reformas para conter déficit. Cerca de 60 foram presos.